

**JOHN LOCKE**  
**ALGUNS PENSAMENTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO**

Tradução, apresentação e notas:  
Avelino da Rosa Oliveira  
Gomercindo Ghiggi

**Parte 3 — (§§ 43-63)**

§.43. Tendo sido colocado o curso em geral que há de ser tomado, convém que venhamos agora a considerar as partes da disciplina a serem usadas, um pouco mais particularmente. Falei tanto de manter *pulso firme* sobre os filhos que talvez possa ser suspeito de não considerar suficientemente o que é apropriado às suas tenras idades e constituições. Mas tal opinião dissipar-se-á quando me tenhais ouvido um pouco mais, pois sou bastante inclinado a pensar que a *grande severidade* da punição faz muito pouco bem e, ao contrário, grande mal na educação; e penso que será visto que, *cæteris paribus*, as crianças mais *castigadas* raramente tornam-se os melhores homens. Tudo que pretendi estabelecer até aqui é que qualquer que seja o grau de *rigor* necessário, há que ser mais usado quanto mais moças forem as crianças; e tendo, através de uma correta aplicação, produzido seu efeito, há que ser relaxado e transformado num tipo mais ameno de governo.

§.44. A obediência e a flexibilidade de desejos, sendo introduzidas pelo pulso firme dos pais antes que os filhos tenham memória para reter sua origem, parecerão naturais para eles; e depois atuarão neles como se assim fossem, evitando quaisquer ocasiões de insubordinação ou desconsolo. O único cuidado é começar cedo e persistir inflexivelmente, até que o *temor* e o *respeito* se tenham tornado familiares, e não apareça a menor relutância na submissão e pronta obediência de suas mentes. Quando

esta *reverência* for, então, estabelecida (o que deve ocorrer cedo ou, de outra sorte, restabelecê-la demandará dores e tapas; e tanto mais, quanto mais for adiado), será através dela, lentamente mesclada com tanta indulgência quanto dela não façam mau uso, e não por *surras*, *repreensões* ou outras *punições servis*, que eles haverão de ser governados no futuro, conforme cresçam e tenham maior entendimento.

§.45. Que isto é assim, será facilmente admitido quando se tomar em consideração aquilo que há de ser visado numa educação arguta<sup>1</sup>, e o que dela resultará.

1. O Homem que não tem domínio sobre suas inclinações, o Homem que não sabe *resistir* à importunidade do *prazer ou da dor presentes*, em função do que a razão lhe aponta como adequado que seja feito, carece do verdadeiro princípio da virtude e da diligência, e está em perigo de jamais ser bom para qualquer coisa. Este caráter, portanto, tão contrário à livre natureza (*unguided Nature*), há que ser adquirido cedo; e este hábito, como verdadeiro fundamento das futuras habilidade e felicidade, há que lhe ser trabalhado na mente tão cedo quanto possível, mesmo desde os primeiros desportares de qualquer conhecimento ou apreensão nas crianças, e assim lhes ser confirmado, por todos os cuidados e caminhos imagináveis, por aqueles que têm a guarda de sua educação.

§.46. 2. Por outro lado, se a *mente* das crianças for reprimida e por demais *humilhada*; se seus *espíritos* forem muito rebaixados e *debilitados*, através de um pulso demasiado duro sobre elas, então perdem todo o vigor e engenho, e ficam em pior estado do que o inicial; porque jovens extravagantes, que possuem vivacidade e espírito, algumas vezes vêm a ser tornados corretos, e então fazem-se homens capazes e grandiosos; entretanto, *mentes abatidas*, temerosas e submissas, e *espíritos derribados* quase nunca são soerguidos e muito raramente alcançam qualquer coisa. Evitar o perigo, que está em ambos os lados, é a grande arte. O Homem que encontrou o caminho de como manter sereno, ativo e livre o espírito da criança, e ainda, ao mesmo tempo, de coibir o menino de muitas coisas para as quais ele tende, e de dirigi-lo a coisas que lhe são penosas, o Homem, insisto, que sabe como reconciliar estas aparentes contradições, em minha opinião, alcançou o verdadeiro segredo da educação.

§.47. O caminho curto e usualmente preguiçoso do castigo e do látigo, que é o único instrumento de governo que os tutores geralmente conhecem, ou de que sempre lembram, é o mais inadequado de todos a ser

---

<sup>1</sup> O termo aqui utilizado por Locke (*ingenuous*) pode ser tomado no sentido de *ingênua* ou *natural*, como preferiu a versão espanhola. Entretanto, em face do contexto trazido especialmente pelos parágrafos 45 e 46, pensamos que Locke empregou-o na acepção (hoje arcaica) de *ingenious*, ou seja, com o sentido de *caracterizada por engenhosidade*. (N. T.)

usado em educação, pois que tende a ambos aqueles males que, como mostramos, são a *Scylla* e *Charibis*<sup>2</sup> que, de uma forma ou de outra, tudo arruinam.

§.48. 1. Este tipo de punição não contribui em nada para o domínio de nossa propensão natural a indulgenciar o prazer corporal imediato e evitar a dor em qualquer escala; ao contrário, a encoraja e, desse modo, fortalece em nós esta que é a raiz de onde brotam todas as ações viciosas e as irregularidade da vida. Por que outro motivo, senão pelas sensações de prazer e dor, age uma criança que moureja nos estudos contra suas inclinações, ou abstém-se de comer fruta malsã, que lhe causa prazer, apenas pelo medo de *apanhar*? Ele, neste caso, apenas prefere um maior *prazer corporal*, ou evita a maior *dor corporal*. E o que é governar suas ações e dirigir sua conduta por motivos como estes? O que é isto, insisto, a não ser acalantar nele aquele princípio que é nossa tarefa extirpar e destruir? E, portanto, não posso considerar útil a uma criança qualquer correção, se a vergonha do sofrimento por ter agido imprópriamente não age mais sobre ela do que a dor.

§.49. 2. Este tipo de correção naturalmente alimenta uma aversão àquilo pelo que é tarefa do tutor criar gosto. Quão óbvio é observar que as crianças vêm a detestar coisas que lhes eram inicialmente aceitáveis, quando, por causa delas, são *surradas, ralhadas e maltratadas*. E não há que espantar-se com elas, pois nem mesmo os homens adultos seriam capazes de tomar gosto por qualquer coisa através de tais caminhos. Quem não tomaria desgosto por qualquer divertimento inocente e em si indiferente se, por *tapas* ou linguagem ríspida, fosse a ele *arrastado* sem ter disposição? Ou se, por alguma circunstância, fosse constantemente tratado deste modo quando a ele se aplicasse? É natural que assim seja. Circunstâncias ofensivas habitualmente contaminam coisas inocentes às quais estejam ligadas. A simples visão de uma xícara que alguém use para tomar remédios nauseantes revolta-lhe o estômago; desta forma, nada nela será apreciado, embora a xícara nunca tenha estado tão limpa e bela, e seja do mais rico material.

§.50. 3. Tal tipo de *disciplina escrava* forma um *caráter escravo*. A criança submete-se e simula obediência, enquanto o medo do látigo mantém-se sobre ela; mas quando for removido e, estando fora do alcance da vista, ela puder prometer impunidade a si própria, dará margem maior à sua inclinação natural que, deste modo, não é absolutamente

---

<sup>2</sup> Scylla: uma ninfa transformada em monstro que aterrorizou a Odysseus (nome grego de Ulisses) e outros navegantes nos Estreitos de Messina; Charybdis: uma filha de Possidônio e Gaea jogada da Sicília ao mar, por Zeus, onde engolindo e soprando a água, criava um redemoinho. Já a expressão *Scylla e Charybdis* quer significar “duas alternativas igualmente perigosas e/ou desastrosas”. (N.T.)

alterada mas, ao contrário, elevada e aumentada; e após tal restrição, usualmente irrompe com ainda maior violência; ou...

§.51. 4. Se a severidade, levada ao mais alto grau, de fato prevalecer e operar uma cura sobre o presente destempero será, geralmente, por trazer para seu lugar um mal pior e mais perigoso, pela deturpação da mente; e então, em um lugar de um jovem desregrado, terá uma criatura de *espírito derribado, aparvalhada*. Ele, entretanto, com sua sobriedade inatural, poderá agradar as pessoas tolas, que prezam crianças dóceis, inativas, porque não fazem qualquer barulho, nem lhes causam qualquer problema; ainda assim, com efeito, provavelmente mostrar-se-á algo tão desconfortável para seus amigos como o será, por toda a vida, algo inútil para si próprio e para outrem.

§.52. Bater, portanto, e todas as outras formas de punições escravas e corporais não são a disciplina adequada a ser usada na educação daqueles que queremos que sejam homens sensatos, bons e argutos (*ingenuous*); e, por conseqüência, há de ser raramente aplicada, e isto apenas em ocasiões especiais e casos extremos. Por outro lado, favorecer as crianças por *recompensas* de coisas que lhes são agradáveis, há que ser evitado com o mesmo cuidado. O Homem que der a seu filho *maçãs* ou *ameixas cristalizadas (Sugar-plumbs)*, ou qualquer outra coisa desse tipo que mais lhe deleita, para fazê-lo aprender suas lições, na verdade apenas autoriza seu amor pelo prazer e estimula aquela propensão perigosa que deveria, por todos os meios, subjugar e sufocar. Jamais podereis esperar ensiná-lo a dominá-la se comprometeis a resistência que, por um lado, opondes a sua inclinação, através da satisfação que, por outro, a ela propondes. Para se tornar um homem bom, sensato e virtuoso, é importante que aprenda a eliminar (to cross) seus apetites e negar sua inclinação à *riqueza*, aos *adornos requintados* ou à *satisfação do paladar*, etc, sempre que a razão aconselhá-lo ao contrário e o dever o requeira. Quando, porém, o levais a fazer qualquer coisa conveniente, pelo oferecimento de *dinheiro*; ou recompensais as dores do aprendizado de sua lição, pelo prazer de uma fina iguaria; quando lhe prometeis uma *gravata-borboleta* ou uma *fina roupa nova*, em vista da execução de alguma de suas pequenas tarefas; o que fazeis propondo essas coisas como *recompensas*, senão permitir que elas sejam as coisas boas às quais ele deve visar, e assim encorajar sua ansiedade por elas e acostumá-lo a nelas colocar sua felicidade? É deste modo que as pessoas, para persuadir as crianças a serem diligentes na gramática, dança ou alguma outra coisa deste tipo, de nenhuma grande importância para a felicidade ou utilidade de suas vidas, através de *punições* e *recompensas* mal aplicadas, sacrificam suas virtudes, invertem a ordem de sua educação e ensinam-lhes a luxúria, o orgulho ou a cobiça, etc. Com

feito, favorecendo aquelas inclinações erradas que deveriam restringir e suprimir, deitam o fundamento daqueles futuros vícios que não podem ser evitados senão contendo nossos desejos e acostumando-os cedo a submeterem-se à razão.

§.53. Não quero com isto dizer que eu gostaria de manter as crianças afastadas das conveniências ou prazeres da vida, os quais não sejam prejudiciais a sua saúde ou virtude. Ao contrário, gostaria que suas vidas lhes fossem tornadas tão aprazíveis e tão agradáveis quanto possível, num completo gozo de tudo quanto possa inofensivamente satisfazê-los, contanto que seja com este cuidado: que tenham estes gozos apenas como consequência do estado de estima e aceitação de que desfrutam junto a seus pais e tutores. *Jamais*, porém, devem ser-lhes ofertados ou concedidos como *recompensa por este ou aquele feito particular* pelo qual mostrem aversão ou ao qual não se teriam aplicado sem aquela tentação.

§.54. Mas se retirais o látego, por um lado, e estes pequenos estímulos com os quais são conduzidas, por outro, como então, (direis) serão as crianças governadas? Removi a esperança e o medo, e será o fim de toda disciplina. Admito que o bem e o mal, *recompensa e punição*, são as únicas motivações de uma criatura racional; estas são a espora e as rédeas por meio das quais toda a humanidade é posta em ação e guiada, e portanto, devem ser usadas também com as crianças. Por isso aconselho a seus pais e tutores a trazerem sempre isto em suas mentes: que as crianças devem ser tratadas como criaturas racionais.

§.55. *Recompensas*, admito, e *punições* devem ser propostas às crianças, se pretendemos agir sobre elas. O erro, imagino, é que as que são geralmente utilizadas são *mal escolhidas*. As dores e prazeres do corpo trazem, eu penso, má consequência, quando se tornam as recompensas e punições por meio das quais os homens persuadem seus filhos; porque, como disse antes, elas servem apenas para aumentar e fortalecer aquelas inclinações às quais é nossa tarefa subjugar e dominar. Que princípio de virtude estabeleceis em uma criança, se a fazeis esquecer o desejo de um prazer, através da proposição de outro? Isto é apenas alargar seu apetite e instruí-lo a vaguear. Se uma criança chora por uma fruta malsã e perigosa, comprais sua quietude dando-lhe uma guloseima menos nociva. Isto talvez possa preservar-lhe a saúde, entretanto, estraga-lhe a mente e a põe mais desarranjada. Porque aqui apenas trocáis o objeto, mas ainda favoreceis seu *apetite* e permitis que ele seja necessariamente satisfeito. Nisso, como mostrei, repousa a raiz do mal (*Mischief*). E até que a leveis a ser capaz de suportar a recusa daquela satisfação, a criança pode, no momento, estar quieta e ordeira, mas o mal (*Disease*) não está curado. Através desta forma de proceder, fomentais e acalentais nela aquele que é a fonte de onde flui

todo o mal (Evil), o qual certamente na próxima ocasião brotará com mais violência, causar-lhe-á anseios mais fortes, e a vós, mais problemas.

§.56. As *recompensas* e *punições*, por meio das quais devemos manter as crianças em ordem, *são*, portanto, bem de outro tipo; e de tal força que, quando conseguimos colocá-las em ação, a tarefa, eu penso, está concluída e a dificuldade superada. A *estima* e a *desconsideração* são, de todos os outros, os incentivos mais poderosos para a mente, uma vez que ela seja levada a apreciá-los. Se puderdes uma vez inspirar nas crianças o amor pela credibilidade e o receio da vergonha e desconsideração, tereis colocado nelas o verdadeiro princípio, o qual agirá constantemente e inclina-las-á ao bem. Mas, será perguntado: como isto pode ser feito?

Confesso que, à primeira vista, não se está isento de alguma dificuldade; ainda assim, penso valer a pena buscar os caminhos (e praticá-los, quando encontrados) para alcançar isto que considero como o grande segredo da educação.

§.57. *Primeiro*, as crianças (talvez mais cedo do que pensamos) são muito sensíveis a *elogios* e distinções. Elas encontram prazer em serem estimadas e valorizadas, especialmente por seus pais e por aqueles de quem dependem. Se, portanto, o pai as *acaricia e distingue quando agem bem, e mostra-lhes um semblante frio e indiferente em vista de agirem mal*, e isto acompanhado por uma atitude semelhante da mãe e de todos os outros que lhe circundam, em pouco tempo isto as tornará sensíveis à diferença; e isto, se constantemente observado, duvido que por si próprio não funcione mais do que ameaças e tapas, os quais perdem a força quando se tornam comuns, e não têm qualquer utilidade quando a vergonha não os acompanha, devendo, portanto, ser evitados e jamais usados, senão no caso aqui mencionado, quando se chega a extremos.

§.58. Mas, *em segundo lugar*, para fazer o sentimento de *estima* ou *desconsideração* penetrar mais profundamente e para ser de mais peso, outras *coisas agradáveis ou desagradáveis devem constantemente acompanhar estes diferentes estados*; não como recompensas e punições particulares, desta ou daquela ação em particular, mas como necessariamente pertencendo e constantemente acompanhando a quem, por suas atitudes, levou a si próprio ao estado de desconsideração ou distinção. Através de uma tal forma de tratá-las, as crianças podem, tanto quanto possível, ser levadas a compreender que aqueles que são distinguidos e estimados por agirem bem, necessariamente serão amados e acalentados por todos, e terão todas as demais coisas boas como conseqüência; e, por outro lado, quando alguém, devido a más atitudes, cai em antipatia e não cuida de preservar sua credibilidade, inevitavelmente cairá na indiferença e no menosprezo, e assim, persistirá a carência de tudo quanto possa satisfazê-lo

e deleitá-lo. Deste modo, quando uma experiência estabelecida ensina as crianças desde o começo que as coisas que lhes aprazem pertencem e estão reservadas apenas àqueles que usufruem de boa reputação, os objetos de seus desejos são convertidos em auxiliares da virtude. Se, através destes meios, puderdes uma vez vir a envergonhá-las de suas faltas (além desta, desejaria que não houvesse qualquer outra punição) e fazê-las apreciar o prazer de serem bem-conceituadas, podereis fazer delas o que vos aprouver, e elas amarão todas as formas de virtude.

§.59. A grande dificuldade aqui é, imagino, a tolice e a perversidade de servos, que dificilmente conseguir-se-á que sejam impedidos de interferir no desígnio do pai e da mãe. As crianças, desaprovadas por seus pais em razão de qualquer falta, usualmente encontram refúgio e alívio nas carícias daqueles tolos bajuladores que, deste modo, desfazem tudo quanto os pais empenham-se em estabelecer. Quando o pai ou a mãe olha secamente para a criança, todos os demais devem dispensar-lhe a mesma frieza, e ninguém oferecer-lhe aprovação, até que o perdão pedido e o conserto de seu erro torne-a novamente ajustada e seja restituída sua credibilidade anterior. Fora isto observado constantemente, suponho que haveria pouca necessidade de tapas ou reprimendas; o próprio bem-estar e satisfação rapidamente ensinariam as crianças, sem serem reprimidas ou castigadas, a requestar a distinção e evitar fazer aquilo que elas vissem que todos condenam e que certamente as faria sofrer. Isto ensinar-lhes-ia a modéstia e a vergonha; e elas viriam rapidamente a ter uma repugnância natural por aquilo que descobrissem fazer-lhes desprezadas e desdenhadas por todos. Mas a forma como esta inconveniência dos servos há de ser remediada, devo deixar à consideração e aos cuidados dos pais. Só posso dizer que isto é de grande importância e que são muito felizes os que alcançam ter pessoas prudentes ao redor dos filhos.

§.60. *Surras* ou *reprimendas freqüentes*, portanto, *devem ser evitadas*, porque este tipo de correção nunca produz qualquer bem, a não ser que serve para fazer brotar *vergonha* e repugnância pelas falhas que os fizeram sofrê-las. E se a maior parte do problema não for o sentimento de que procederam mal e a apreensão de que tenham atraído para si próprios a justa insatisfação de seus melhores amigos, a dor da surra realizará tão-só uma cura imperfeita. Ela cura somente por um momento e cicatriza superficialmente, mas não alcança o fundo da ferida. A *vergonha* sincera e a apreensão do desprazer são a única restrição verdadeira; apenas estas devem segurar as rédeas e manter a criança na ordem. As punições corporais, porém, necessariamente perdem o efeito e desgastam o senso de *vergonha*, se retornam freqüentemente. A vergonha, nas crianças, ocupa o mesmo lugar da modéstia, nas mulheres: não pode ser mantida se for

freqüentemente violada. E quanto à apreensão de *desagrado aos pais*, esta tornar-se-á muito insignificante se as marcas do desagrado desaparecerem rapidamente e umas poucas palmadas o expiarem totalmente. Os pais devem pensar bem quais faltas de seus filhos são graves o bastante para merecer a declaração de sua cólera. Entretanto, quando seu desprazer for declarado a tal ponto que traga consigo uma punição, eles não devem reduzir imediatamente a severidade de sua atitude, mas restabelecer os filhos na sua graça original com alguma dificuldade, e retardar uma completa reconciliação até que a conformidade destes, e méritos superiores aos habituais, demonstrem que corrigiram-se. Se isto não for ordenado deste modo, a *punição*, pela familiaridade, tornar-se-á uma mera coisa de costume e perderá toda sua influência; ofender, ser castigado e depois perdoado será encarado como natural e necessário como o dia, a noite e a manhã, seguindo-se um ao outro.

§.61. Com relação à reputação, devo apenas salientar dela mais uma coisa: que embora ela não seja o verdadeiro princípio e medida da virtude (pois que esta é o conhecimento do dever de um homem, e a satisfação de obedecer a seu Criador, seguindo os ditames daquela luz que Deus lhe concedeu, com a esperança da aceitação e da recompensa), ainda assim é ela que mais se lhe aproxima. E sendo o testemunho e o aplauso o que a razão de outras pessoas – como se fosse por um consentimento comum – dá às ações virtuosas e bem ordenadas, ela é o guia adequado e o encorajamento das crianças, até que se tornem capazes de julgar por si próprias e de encontrar aquilo que é certo por sua própria razão.

§.62. Esta consideração pode dirigir os pais a respeito do modo de se portar ao reprovar ou distinguir os filhos. As repreensões e admoestações, que seus erros por vezes tornarão difíceis de evitar, devem não só ser com palavras sóbrias, serenas e inimpetuosas, mas também a sós e em particular. Entretanto, as distinções que os filhos mereçam, devem recebê-las ante outros; isto redobra a recompensa, pela difusão de seus méritos. Por outro lado, a relutância mostrada pelos pais em divulgar suas faltas fá-los-á estabelecer um maior valor para suas próprias honras e ensiná-los-á a ser mais cuidadosos na preservação da opinião favorável dos outros, enquanto acreditam gozar dela. Entretanto, quando forem expostos à vergonha, pela publicação de suas más condutas, admitem a derrota de já haverem sido marcados, e serão tanto menos cuidadosos em preservar o pensamento positivo dos outros sobre si quanto mais suspeitem que sua reputação já esteja manchada.

§.63. Mas, se for tomado curso correto com relação aos filhos, não haverá tanta necessidade quanto imaginamos, e quanto a prática normal estabeleceu, da aplicação das recompensas e punições comuns. Com efeito,



todas as tolices inocentes, brincadeiras e *ações infantis devem ser* deixadas perfeitamente livres e *irrestringidas*, e com as mais amplas concessões, ao menos enquanto possam ser conciliadas com o respeito devido àqueles que estiverem presentes. Se estas faltas, próprias da idade antes que das crianças mesmas, fossem, como deveriam ser, deixadas apenas ao tempo e imitação e aos anos mais maduros curar, as crianças escapariam um bom bocado das correções inúteis e mal aplicadas. Estas tanto falham ao acabrunhar a disposição natural de suas infâncias, e assim, por uma familiaridade ineficiente, tornam de menor utilidade a correção em outros casos necessários; ou mais, se for a força a restringir a natural vivacidade daquela idade, serve apenas para prejudicar a disposição tanto do corpo como da mente. Se o ruído e a animação de suas brincadeiras provarem, em qualquer momento, ser inconvenientes, ou inadequados ao lugar ou companhia em que eles estejam, (o que só pode ser onde seus pais estejam) um olhar ou uma palavra do pai ou da mãe, se eles estabelecerem a autoridade que deveriam, será suficiente, quer para removê-los, quer para aquietá-los por aquele tempo. Mas este temperamento jocoso, o qual é sensatamente adaptado por natureza às suas idades, há mais que ser encorajado, para manter elevados seus espíritos e incrementar suas forças e saúde, do que reprimido ou restringido; e a arte principal é fazer tudo que eles tenham para fazer e também esporte e diversão.